

O URSINHO

No começo de 1951, meu primeiro filho estava para nascer. Com amor e ansiedade o esperava. Eu era muito mais pobre, mas minha cabeça vivia cheia de sonhos, meus olhos tinham o fulgor da esperança e meu coração quase rebentava de otimismo. Não havia barreiras, nem desenganos. Era a felicidade que a gente não percebe, pois ela não avisa quando chega e nem quando vai embora.

A serviço, fui à São Paulo. Não sei por que, passei pela Praça do Patriarca e, na vitrina da Casa São Nicolau, vi um ursinho de pelúcia cor de rosa, boca vermelha, olhos pretinhos. Era bonito, alegre, risonho. Um encanto feito carinho.

Entrei na loja. Perguntei o preço. Assustei! Furtivamente, consultei minha carteira. Não adiantava. O dinheiro estava curto. Pedi desculpa, saí para a rua, revoltado, triste...

Com o rabo do olho, mirei de novo a vitrina. O danadinho do urso sorriu para mim. Pensei no filho, que iria continuar meu nome, que iria me impedir de morrer. Pensei que Deus haveria de fazê-lo forte, alto, viril. Como um computador, fiz todas as contas possíveis. Eliminei possibilidades. Somei, diminuí. Não dava. Fumei um cigarro... O ursinho alegre me transmitiu seu pensamento: "Me leva. O moleque vai gostar...". Minha mente

clareou: sacrifiquei o jantar e não fumei mais naquele dia. Comprei o ursinho. Fui a pé até o ponto de ônibus, com o "bicho" debaixo do braço... Foi uma vitória! Na viagem de volta, desembrulhei o pacote várias vezes. Descobri que ele "chorava", quando a gente o colocava deitado. Meu estômago queimava de fome, mas consegui "filar" um cigarro do vizinho de banco. Tudo bem!

Outro dia, na semana passada, fui remexer uns guardados, coisas antigas que todas as casas têm. No fundo do malão, depois de vinte e nove anos, embrulhado num velho pedaço de linho, encontrei o ursinho... meio desbotado, com um sorriso triste. Com as mãos trêmulas, tirei-o da canastra e o fiz deitar sobre meus joelhos: ele chorou, como o fazia antigamente. Só que agora, seu choro foi rouco e triste, como quem lamenta a mocidade perdida. Não tive pejo, não agüentei, chorei junto... ensopei-o de lágrimas.

É a vida!